

As plantas na obra poética de Luís Vaz de Camões

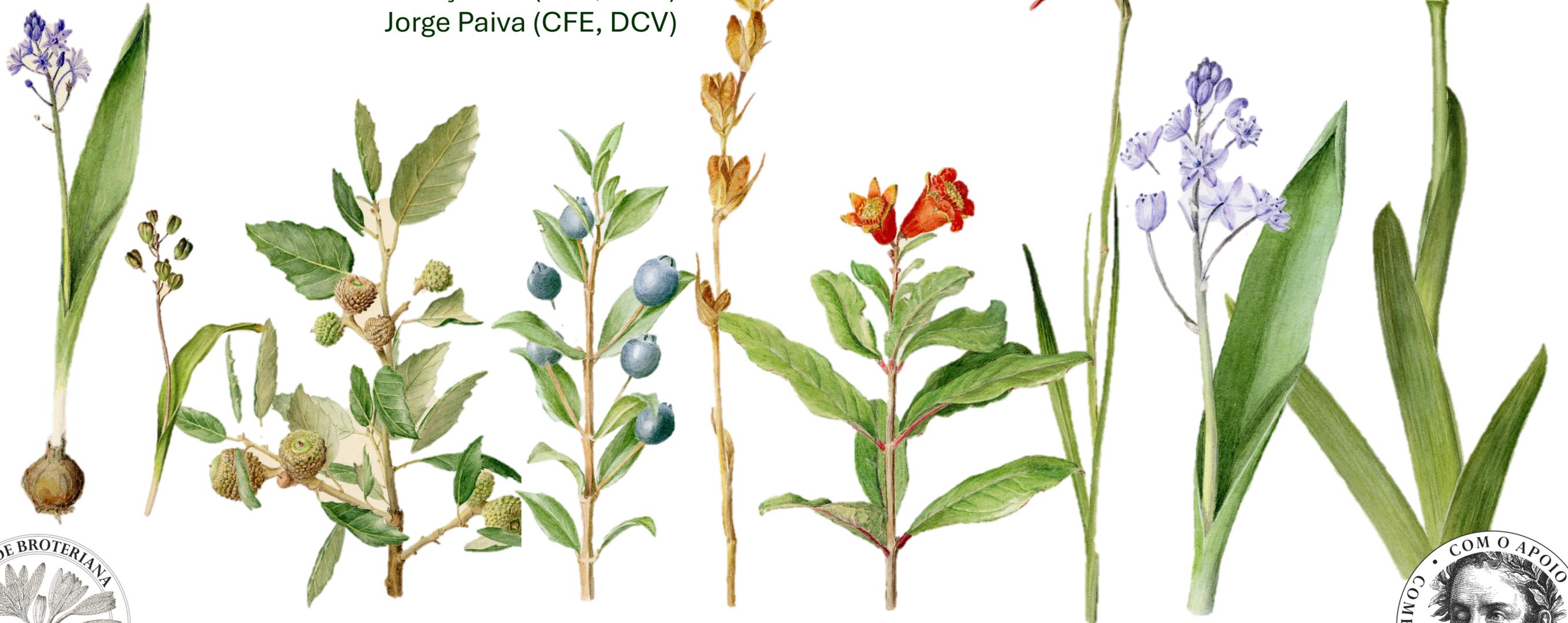
Aquarelas de Ursula Beau

Projeto expositivo e textos

Ana Margarida Dias da Silva (CHSC, DCV)

Maria Teresa Gonçalves (CFE, DCV)

Jorge Paiva (CFE, DCV)



“As plantas na obra poética de Luís Vaz de Camões”

Dedicada às plantas na obra poética de Luís de Camões, esta exposição insere-se nas Comemorações do V Centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões. A seleção dos trechos poéticos e das aguarelas que os ilustram tem como base o trabalho de investigação que o Doutor Jorge Paiva tem consagrado ao tema, desde há vários anos.

Na época camoniana, as plantas mais conhecidas e citadas na literatura não eram as plantas comestíveis ou ornamentais, mas sim as plantas medicinais.

Também n’*Os Lusíadas*, escritos quase na totalidade no Oriente e centrados nos Descobrimentos, Luís de Camões refere principalmente as plantas medicinais e as especiarias asiáticas. O mesmo não acontece na *Lírica*, maioritariamente escrita em Portugal e centrada no amor e na paixão. Como Camões terá vivido a sua grande paixão durante os 13 anos que esteve em Coimbra (1531- 1544), de onde partiu cerca dos 20 anos, as plantas referidas na *Lírica* são, na sua maioria, dos campos do Mondego. O poeta alude a essas mesmas plantas, saudosamente, n’*Os Lusíadas*, nos episódios de “Inês de Castro” (Canto III.118-135) e da “Ilha dos Amores” (Cantos IX.18 – X.95).

Não é fácil determinar com exatidão todas as plantas citadas por Camões na sua obra (Épica e Lírica), pois a maioria das vezes refere-as de forma poética e utilizando, como o próprio afirma, *derivações* com extraordinários malabarismos linguísticos.

Nesta exposição, encontram-se ilustrações de alguns poemas de Luís de Camões, com aguarelas das plantas glosadas. Da autoria de Ursula Beau (1906-1984), as aguarelas representam espécies da flora espontânea de Portugal e fazem parte de um notável conjunto pertença da Sociedade Broteriana. Em cada painel poema-aguarela, indica-se o nome vulgar e o nome científico das plantas e destaca-se a sua menção no texto.

Ficha técnica:

Projeto expositivo e textos: Ana Margarida Dias da Silva (CHSC, DCV), Maria Teresa Gonçalves (CFE, DCV, SB) e Jorge Paiva (CFE, DCV).

Grafismo: José Augusto Reis

Organização: Sociedade Broteriana

Apoio: Departamento de Ciências da Vida, Centre for Functional Ecology



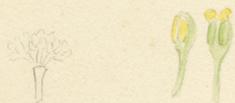
LOUREIRO
(*Laurus nobilis*)

**“Fez primeiro em Coimbra a exercitar-se
o valoroso ofício de Minerva
e de Hélicon as musas fez passar-se,
a pisar de Mondego a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se
tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
do bácaro e do sempre verde louro.”**

OS LUSÍADAS Canto III.97



Beale
51



308. *Laurus nobilis* L.
22. März 57. Von Parque de la Cruz
Kleiner Ast abgetrennt an kleinen, grünen Hölzern. Jede Einzelblüte besteht aus 5 blaugrünen Perigonblättern, 7 Staubfäden

Herbar No 228 371



MURTA ou MIRTO
(*Myrtus communis*)

**“As árvores agrestes, que os outeiros
têm com frondosa coma enobrecidos,
álamos são de Alcides, e os loureiros
do louro deus amados e queridos,
mirtos de Citereia, com os pinheiros
de Cibele, por outro amor vencidos.
Está apontando o agudo cipariso
para onde é posto o etéreo paraíso.”**

OS LUSÍADAS Canto IX.57

ROMÃZEIRA
(*Punica granatum*)



“Abra a romã, mostrando a rubicunda cor, com que tu, rubi, teu preço perdes. Entre os braços do ulmeiro está a jucunda vide com uns cachos roxos e outros verdes. E vós, se na vossa árvore fecunda, peras piramidais, viver quiserdes, entregai-vos ao dano que com os bicos em vós fazem os pássaros inicos.”

OS LUSÍADAS Canto IX.59

Punica granatum. Romãzeira, Romãzeira.

August 49. Blüthenzeit vom Granatapfelbaum. Hauptblüte vorbei, deshalb blühte rechts etwas verknüppelt. Blütenblätter schon abgefallen; 1) Form des Blütenblattes, es sitzt im Winkel zwischen zwei Kelchzipfeln etwas nach innen zu festgewachsen, stark verknüppelt (wie unten). Kreis 6 Kelchzipfel; vollen 5-8 vorkommen. Unteren Kelch sitzen noch 2 kleine Bräune weiß, amrandig, etwas glänzend. Kelch 6-kantig; Blätter unpaarig 2 dreien. (Blüten gegenständig sitzen, im un. Bogenlein auch der Fall).

X

NARCISO

(*Narcissus asturiensis*)



**“Pois a tapeçaria bela e fina
com que se cobre o rústico terreno,
faz ser a de Aqueménia menos dina,
mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor cefísia inclina
sobre o tanque lúcido e sereno.
Floresce o filho e neto de Ciniras,
por quem tu, deusa Páfia, ainda suspiras.”**

OS LUSÍADAS Canto IX.60

1976 *Narcissus asturiensis* (Ford) Pugsley
Serra da Estrela, Cabeça do Vento
1955 Serra da Estrela, Cabeça do Vento

Urean
55

Herbar. Lus...

743

Est L

6.5.18 57/3



LÍRIO-ROXO

(*Iris subbiflora*)

**“Para julgar difícil cousa fora,
no céu vendo e na terra as mesmas cores,
se dava às flores cor a bela Aurora,
ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
as violas da cor dos amadores,
o lírio roxo, a fresca rosa bela,
qual reluze nas faces da donzela;”**

OS LUSÍADAS Canto IX.61

Iris subbiflora

Beau 57

Composita

Herbar Mus. 1230

819



FLORES HIACINTINAS
(*Gladiolus illyricus*)

“a cândida cecém das matutinas
lágrimas rociada e a manjerona.
Veem-se as letras nas flores hiacintinas,
tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
que competia Clóris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam,
alegres animais o chão povoam.”

OS LUSÍADAS Canto IX.62

Est. II



CARVALHO
(*Quercus sp.*)

**“Qual o touro cioso que se ensaia
para a crua peleja os cornos tenta
no tronco de um carvalho ou alta faia,
e o ar ferindo, as forças experimenta,
tal, antes que no seio de Cambaia
entre Francisco irado, na opulenta
cidade de Dabul a espada afia,
abaixando-lhe a tímida ousadia.”**

OS LUSÍADAS Canto X.34

211. *Quercus suber* L.
23. Sept. 56. Froidhen Vila Franca de Xira e Paredes

herbar. Br. 1194 808



JACINTO-DAS-SEARAS
(*Muscari comosum*)

“Se não tem as delícias de Corinto,
e se de Páριο os mármorees lhe faltam,
o piropo, a esmeralda e o jacinto;
se suas casas de ouro não se esmaltam,
esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
onde os cabritos seus, comendo, saltam.”

ELEGIA



MURTA ou MIRTO

(*Myrtus communis*)

“Que razão há, pastor, porque te saias
pera nosso escamoso e vil terreno
dos mui floridos mirtos e altas faias?
(...)”

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
os implumes penhores já furtei
à doce filomela, e dos murtinhos
pera ti, fera! as flores apanhei;
(...)”

E quaisquer o seu vate coroaram
de capelas idóneas e fermosas,
que as Ninfas lhe teceram e ordenaram:
a Agrário, de murtinhos e de rosas;”

ÉCLOGA ao Duque de Aveiro



LÍRIO
(*Iris foetidissima*)

**“Já a calma nos deixou
sem flores as ribeiras graciosas;
já de todo secou
os cravos, lírios e as purpúreas rosas;
fogem da calma grave os passarinhos
pera o sombrio amparo de seus ninhos.”**

ODE

VIOLETA
(*Viola tricolor*)



“A violeta mais bela que amanhece
no vale, por esmalte da verdura,
com seu pálido lustre e fermosura,
por mais bela, Violante, te obedece.

Perguntas-me porquê? Porque aparece
em ti seu nome e sua cor mais pura,
e estudar em teu rosto só procura
tudo quanto em beldade mais floresce.”

SONETO

491. Viola tricolor L. f. tricolor (L.) Rostk.
3. März. 50. Aus Mont' Estril (Vicessee)



VIOLETA
(*Viola riviniana*)

“Diana tomou logo uma rosa pura,
Vénus um roxo lírio, dos melhores;
mas excediam muito às outras flores
as violas na graça e fermosura.

Perguntam a Cupido, que ali estava,
qual daquelas três flores tomaria,
por mais suave, pura e mais fermosa.

Sorrindo-se, o Menino lhe tornava:
- Todas fermosas são; mas eu queria
Viol’antes que lírio, nem que rosa.”



491 *Viola silvestris* β. *Riviniana*

Viola alba?

491. *Viola Riviniana* R. et G. (1)

28. Febr. 49. Wiesen n. Waldbrand nördl. St. Maria, Coimbra.

1.) Verzweigt; Kelchblätter spitz und lang; Blüten bläulich

2.) Blätter n. Blüten entspringen am Grunde; Kelchblätter runderlicher, dunkler. Blüten rötlicher.